

# Elas botam moral em quadra

JC(02/07/2011)Esportes

## Em quadra, feminino luta contra crise

Antigo celeiro de grandes atletas, o basquete pernambucano passa hoje por momentos de crise. Desinteresse pelo esporte por parte dos praticantes, ausência de um trabalho de base nos clubes, desorganização na tabela de campeonatos. Fatores que tentam explicar, mas que não resolvem a situação, que é mais gritante no feminino, no qual poucas equipes disputam um calendário cada vez mais escasso.

"O basquete feminino de Pernambuco já foi muito mais forte que o masculino, já fomos campeãs brasileiras, inclusive. De dez anos pra cá diminuiu muito a quantidade de equipes e o número de praticantes", disse a técnica Mônica dos Anjos.

O lado positivo é que pela primeira vez em três anos houve disputas femininas no Estadual. "Conseguimos trazer ex-atletas de volta ao esporte e este ano conseguimos montar sete equipes", disse Ceça, técnica do Náutico.

Segundo o técnico das categorias de base do Sport, Erivaldo Souza, mais conhecido como Alemão, equipes adultas bem fortalecidas são espelhos. Segundo ele, o que afasta muitas atletas do esporte são as diversas opções de lazer disponíveis atualmente. "Além disso, a fórmula atual de disputas não estimula as jogadoras a continuarem. São campeonatos relâmpagos que não despertam o interesse delas", finaliza.

facilita muito o seu trabalho.

"Trabalhei no feminino durante 14 anos, mas o tipo de jogo deles sempre me atraiu mais. Envolve velocidade e bastante força, eu acho mais bonito. Também, as meninas são muito mais sensíveis e isso dificulta um pouco o trabalho que eu realizo. Os homens são mais diretos, eu me identifico mais com eles."

Como já dito pela sua colega Ceça, Mônica também tem como principal foco do seu trabalho a formação do atleta e vem trabalhando com o time da Fase já a seis anos, desde o pré-mirim, sendo quase como uma mãe para os garotos. "Trabalhei durante 14 anos no feminino quando eles começaram a me procurar porque queriam jogar, pois no colégio não havia uma equipe masculina. Comecei com a escolinha e a demanda era enorme. Quando você tem quantidade, tem qualidade, e logo comecei a desenvolver esse trabalho com os garotos ainda no pré-mirim. Nunca parei com eles e hoje vejo o resultado disso", disse.

Para Mônica, a predominância masculina no esporte do garraffo nunca interferiu em seu trabalho. Segundo ela, diferentemente do futebol, considerado "esporte para homem", no basquete, há muito respeito por parte dos homens para com as mulheres. "Nunca tive a necessidade de me impor no meio. Sempre tive o trabalho reconhecido e nesse esporte todo mundo se conhece, dirigentes, técnicos e atletas, até mesmo em outros Estados, há um intercâmbio grande. É claro que eles não vão gostar se perderem para uma mulher, mas não pelo fato de ser mulher, e sim porque ninguém gosta de perder!", concluiu.



MÁEZONA No comando há seis anos, Mônica vem obtendo conquistas com seus garotos da Fase

Olivia Souza  
oliveira@jc.com.br

A força, a velocidade e o arranque do basquete-bol sempre atraíram mais o gosto masculino. Na torcida, isso é visível. Eles dominam as arquibancadas. E entre os atletas, coisa comum são técnicos homens comandando as equipes. Tanto masculinas quanto femininas. Em contrapartida, Pernambuco tem uma característica peculiar de ser um Estado onde técnicas mulheres têm nome forte no esporte.

Da mesma geração, Mônica dos Anjos, Ceça Vasconcelos e Cibia Rocha são velhas conhecidas do basquete pernambucano. Mônica é técnica da seleção estadual masculina sub-19 e da Faculdade Santa Emília (Fase), campeã do primeiro turno do Pernambuco - pela seleção, foi campeã do regional Nordeste do Brasileiro Sub-19. Já Cibia dirige a equipe do Colégio Maria Auxiliadora e também comanda a seleção estadual feminina sub-19 (também campeã brasileira). Ceça é técnica do feminino do Náutico.

Segundo a alvirrubra, o destaque do trio é reflexo do tipo de trabalho realizado por elas. "Aqui no Estado, as pessoas se esquecem do trabalho de base. Somos técnicas que nos preocupamos com isso, logo temos esse trabalho reconhecido e estamos aí à frente dos times nas competições."

O caso particular é Mônica, que além de trabalhar no meio de tanta testosterona, dirige duas equipes masculinas. Mas se engana quem pensa que ela se sente um peixe fora d'água. Sua identificação com esse universo

Alexandre Gondim/JC Imagem